

O TRI SÃO-JOANINO*

Francisco Topa

Em ano de outro tri, que quase durava até ao S. João, o *JN* comemora – e o Porto com ele – o terceiro quarto de século do concurso de quadras são-joaninas. Contrariando algumas previsões iniciais, uma iniciativa que pretendia preservar uma tradição que ameaçava perder-se acabou por converter-se rapidamente, ela própria, numa tradição. As provas são claras: o elevadíssimo número de textos que, ano após ano, disputa o prémio; a heterogeneidade – cultural, profissional, geográfica – dos concorrentes; a qualidade de muitas das quadras que têm vindo a ser distinguidas; a rapidez com que os exemplares do *JN* são devorados na própria noite de S. João; o altíssimo nível do júri, que tem contado com poetas que vão de Eugénio de Castro a Eugénio de Andrade, passando por António Botto, Pedro Homem de Melo, Natália Correia, David Mourão-Ferreira ou Manuel António Pina; com prosadores do porte de Aquilino Ribeiro; com ensaístas como Óscar Lopes ou Arnaldo Saraiva; com etnógrafos como Pedro Vitorino – entre tantos outros nomes ilustres.

Esta prova de longevidade, mais do que confirmar que a tradição ainda é o que era ou que Portugal é o alegado país de poetas, atesta sobretudo que o S. João está bem vivo nos *grande-portuenses*. Por muito que os tradicionalistas aleguem que

* Publicado no *Jornal de Notícias*, suplemento «75 anos de Quadras de S. João JN», Porto, 24 de Junho de 2003, p. 2.

dantes é que era, as quadras do *JN*, retrato vivo que são dos últimos 75 anos do S. João do Porto – e espelho oblíquo do país –, aí estão a mostrar que o essencial se manteve: a excepcionalidade da noite mais curta, mais livre, mais democrática, mais carnavalesca do ano; a celebração – ora alegre, ora melancólica, ora fescenina, ora cavalheiresca – do amor; a exaltação dos símbolos que continuam sendo os ingredientes indispensáveis da festa e da vida (a água, o fogo, a terra, o ar – os quatro elementos).

Da quadra – popular – disse Fernando Pessoa que era «o vaso de flores que o Povo põe à janela da sua Alma». No seu caso, o fogo são-joanino não terá chegado à janela da mansarda, como se vê por esta quadra *ao gosto popular*: «No dia de S. João/ Há fogueiras e folias;/ Gozam uns e outros não,/ Tal qual como os outros dias.» O poeta não está aliás sozinho. De outra forma, mais melancolicamente barroca, não faltam, no vasto conjunto das quadras premiadas ao longo destes 75 anos, exemplos desse tipo: «Da imensa cascata erguida/ Sobre este monte bizarro,/ Apenas somos, na vida,/ Pobres bonecos de barro...» (1944).

Não faltam também as quadras moralistas, dirigidas sobretudo à mulher: «Ficar sem festa e sozinha/ É tudo quanto me resta/ – Porque os foguetes que tinha/ Deitei-os antes da festa!...» (1953). É provável que a graciosidade da imagem não baste à maior parte de nós para apagar o incómodo do machismo subjacente a textos desse género. Mas quando o poeta carrega um pouco mais no humor e na surpresa, esses traços dissolvem-se de todo: «Com certas moças não brinco,/ Em noite de S. João./ São como porta sem trinco/ Que faz um homem ladrão» (1980).

Este é aliás um aspecto muito interessante do concurso que o *JN* vem promovendo. Lidas a uma cómoda distância, muitas das quadras deixam-nos entrever sinais do tempo em que foram compostas, convertendo-se assim em testemunhos históricos de algum interesse. Os exemplos mais óbvios dizem respeito a épocas de grandes transformações. Sirva de exemplo este texto de 1974, sobre o 25 de Abril: «Povo! Na tua fé louca, Cantavas pra não chorar!.../ – Hoje, sem cravos na boca,/

Choras de poder cantar.» Ou ainda este, de 1986, sobre os salários em atraso e a precariedade de emprego: «Tenho o salário em atraso/ Mas vou na rusga contente./ Hoje o meu contrato a prazo/ É de amor a toda a gente.» Porventura mais interessantes são as quadras cuja dimensão histórica incide, de modo sub-reptício, sobre as mentalidades e os comportamentos, sobretudo quando, a partir de metáforas mais ou menos comuns e tipicamente são-joaninas, o autor consegue formar uma imagem original, como acontece nesta curiosíssima quadra, de 1999: «Meu amor, teu alho porro/ Namora o meu manjerico.../ Quando se beijam sem gorro,/ Que sobressaltada eu fico!».

Mas o traço mais característico das quadras a concurso é a celebração do amor, em todos os seus matizes. Nos casos – que felizmente têm sido muitos – em que o trovador encontra uma ideia original e graciosa, o resultado é do domínio do puro encanto. Sirvam de exemplo estas duas quadras sobre o casamento: «A roda em que andei rodando/ Nos braços do meu Manel/ Foi-se estreitando, estreitando.../ – Até caber num anel!...»; (1947) «Acabada a reinação/ Vim da festa acompanhado./ Quis passar por gavião,/ Acabei pombo anilhado» (1995). Ou esta belíssima declaração de amor, do concurso de 1931: «Aqui tens meu coração,/ Decide da sua sorte,/ Mas olha que S. João/ É contra a pena de morte...». Ou ainda esta pequena obra-prima, que tão bem joga com as palavras e com os sons: «Quando as saias arregaça,/ Para bailar livremente,/ Maria, cheia de graça,/ Faz a desgraça da gente...» (1931).

Num certame tão plenamente imbuído do espírito do cancioneiro popular, não faltam também os exemplos felizes de observação psicológica e social – tanto melhor quanto mais fina e subtil –, em geral relacionados com o inevitável tema do amor: «Teus lindos olhos cravaste/ Nas fogueiras com ciúme,/ E de novo incendiaste/ As próprias cinzas do lume...» (1933); «Trocaste um passo na roda/ E desse passo mal dado/ Houve arroz doce na boda/ Que sabia a baptizado!...» (1947).

Perante estes exemplos, que poderiam ser largamente multiplicados, é caso para dizer: venham mais 75! É sobretudo em anos difíceis como este – que apesar de tudo não se comparam a muitos dos que ficam para trás – que percebemos a importância dos saborosos momentos que o *JN* nos vem proporcionando. Eis um bom exemplo de sábia comunhão com o espírito da cidade e da região, que outras entidades deveriam reconhecer e imitar.